

AO JOGO E AO DESPORTO... ... SÓ POSSO CHAMAR DE CULTURA,... DESDE QUE...!?

Pedro Soares Onofre

Centro de Intervenção Motora Educacional

Bruno Ciara observa que... “... entre as actividades expressiva e criativa e a experiência científica há uma relação muito íntima” e que... “... a criança para se exprimir, maneja instrumentos... e desenvolve hábitos de adesão às coisas, de uma certa exactidão,... como se evidenciam na capacidade do verdadeiro cientista se servir dos meios mais simples para as suas experiências...”

ANTES DO PODER DO ADULTO O PRINCÍPIO ERA A LIBERDADE E O BRINCAR...

Quem chamou lúdico ao viver do miúdo foi o adulto. O miúdo, de tão ocupado a viver, nunca se lembraria de tal palavra... De facto, do ponto de vista de comportamento, *o seu viver só pode ser lúdico e o seu brincar é um fenómeno complexo...* Se, por um lado, é a vivência mais natural da vida de um miúdo, por outro, motiva no adulto atitudes paradoxais e desconcertantes.



O miúdo brinca vivendo e... o adulto não entende isso...!?

O adulto, a família, escola e as instituições, sejam elas pedagógicas e/ou cívicas onde, se inserem também as recreativas e/ou as desportivas, não entendem que *ele começa a jogar-brincar antes de falar e de andar*, numa experimentação saudável e constante do seu egocentrismo... Começa a jogar o seu emaranhado de confusões que vai saindo de si, à medida que for conhecendo a realidade que o envolve. *Brincar é, para ele, um processo genético* e um trajecto que não pode confundir-se com fases de comportamento.

Brincar é começar a dar sentido às coisas no processo evolutivo de ser capaz de usar um objecto, uma coisa ou uma situação e... desde o seu inconsciente.

O educador terá que intuir isso, através da pedagogia da criatividade e da expressividade, e ser capaz de ler o que for surgindo, mesmo que não saiba onde conduz o impulso criador da criança, que me parece construtor do seu sentimento e/ou conhecimento. Há que encorajá-la à tradução do seu mundo interior,... seguindo-a (... mas não a obrigando), dando-lhe suportes para ela poder jogar o papel da experiência das suas ideias e aceder, também, à realidade simbólica da interacção com as outras crianças, com o adulto e com o meio...

Começando a conceber a coisa, será, aí, que ela irá tomar posse de algo exterior a si, em primeiras experiências criativas, simbólicas e “brincadas”.

Começará, então, a capacidade de usar a liberdade, que será progressivamente sua, embora na presença de algo e com alguém e, sempre, em interactividade. É o início de uma realidade compartilhada e re-alimentada entre o mundo exterior e o seu interior. Pode-se dizer que a criança recebe, aqui, respostas quer para a união das “coisas”, quer para serem separadas...

Brincar-Viver abre o miúdo para tudo, num vaivem de separação e união, sem rigidez defensiva, em gratificações e em deslumbraamentos progressivos. Em *expressão total*, ele irá coordenar os seus instintos com a antecipação do seu “eu”, em *trajecto de capacidade cultural*;... num autêntico poema energético...

Ao Comportamento Lúdico e de Jogo, em Liberdade... só pode chamar-se de Cultura...

O Jogo é trajecto cultural em experiência e em expressividade constantes, desde que se lhe propicie lugar, tempo e liberdade para isso, embora em reciprocidade de tradição e de originalidade;...cheio de imagens recíprocas de separação e de união. Para este conhecimento de si, o miúdo precisa de uma adaptação do adulto a estes espaços e tempos dinâmicos e potenciais. Estes lugares terão que ser autênticos ambientes de grande confiança, de liberdade e de expressividade.

Estudar *a Liberdade do Lúdico* é estudar *a Vida Cultural* e... desde o espaço potencial do bebé com a mãe e o pai e/ou com o ambiente...

Desde o início, embora o brincar seja com o objecto (coisa, mãe e/ou situação), tudo o que acontece é pessoal;... em prazer e em *avalanche imaginativa, num investimento corporal e numa qualidade e alegria de 1.ª vez...*

Este viver é uma resposta ao seu sentir (ouvindo, vendo, tocando e/ou cheirando), numa criação simbólica muito particular, conjugando os símbolos adoptados por seus pais (e/ou ambiente) com os seus símbolos muito próprios, *que começam com muita força a serem expressos...* São acontecimentos concretos e criativos com as coisas e/ou situações encontradas,... e não logo os nossos encontros e/ou as nossas ideias...

Para que depois estes objectos possam ser descobertos, investigados e significados, o miúdo terá que estar em liberdade de segurança e de confiança e, espontaneamente, ir formando imagens progressivas, recombinaíveis com milhentas de outras e de outros padrões. É, por isso, que *à brincadeira só se pode chamar de cultura e de investigação*, quer seja herdada ou pelo miúdo elaborada...

É uma relação livre e aberta que terá que ser propiciada desde logo, nas primeiras idades, na abordagem dos primeiros contactos, para que se estabeleça uma comunicação facilitadora e reveladora das capacidades dessa criança, na qual o adulto, deixando-se observar por ela e tornando-se um seu companheiro, melhor a observe e melhor formule, como adulto responsável, os objectivos necessários ao Projecto Educacional, que eu lhes chamo de Sub-objectivos e que, parece-me, poderão dar seguimento aos dela, muito seus, fundamentais, particulares e investigadores, que terão começado a vir de si...

Antes dos nossos saberes-fazer, a criança precisará de se cumprir na sua aventura motora de vida, que é de grande raiz motora. Precisarão de estar na origem do seu projecto educativo, em experiência investigadora activa pessoal, essencialmente espontânea. Será, aí, que o educador irá ao encontro do objectivo das acções dela, já, então, *cheias de Intenções, embora ainda não percebidas por si própria...*

Será uma abertura à comunicação, *em expressividade psicomotora e linguística*, motivando a criança a afirmar-se, em tempo e em espaço, sobre os materiais e sobre os objectos, sozinha e/ou em interacção connosco e com as outras crianças.

Será uma interrelação emocional e expressiva com impacto envolvente e, oportunamente e no instante significativo, também tradutora do sentir e do entendimento da situação onde a criança estiver.

Há que procurar, primeiro, que a criança se assenhorie das situações, com segurança, espontaneidade, iniciativa e criatividade, para mais tarde, então, com exigência significativa, darmos conta, nós e ela, das acções realizadas e da procura de novas...

Lúdico é, afinal, como a vida. É um viver cultural, como nós próprios sentimos. Um lugar de encontro da nossa realidade interna, cheia de particularidades, de interrogações e, até, de confusões com a realidade extra-nós (mundo);... cheia de coisas que nos solicitam e nos provocam.

O adulto, se se olhasse bem e se se retractasse no que no que faz, como quer e como gosta, havia de reconhecer que exige desastrosamente do miúdo. Parece, até, que precisa, obstinada e desvairadamente, de ser reconhecido e respeitado como o único senhor de todos os lugares e de todas as situações e de uma forma única e prepotente.

Talvez, então, começasse a perceber que o miúdo entra em inquietação e em incapacidade cultural se não for, também, *livre e senhor* do espaço intermediário, entre a sua subjectividade e a objectividade que é, frequentemente, muito exterior ao seu sentir e à sua informação.

O miúdo entra em inquietação, perde a brincadeira, o seu viver, a sua expressividade e os seus símbolos próprios que deveria começar a adquirir. Só lhe resta defender-se, deixar de investigar, resguardando-se *num falso eu* e aceitando poder ser substituído por quem de mais poder, que lhe deixará marcas bloqueadoras, no acesso à sua autonomia e à sua liberdade (*pensamento e sentimento*).

Viver-Criar... torna possível, desde que em dinâmica lúdica e confiante, um crescimento pessoal e uma separação autonomizante que, afinal, também liberta, fazendo o miúdo *emergir*. Vivemos, investigamos e criamos ao longo de toda a nossa vida. Existimos procurando e *só aprendemos no desequilíbrio e no tentar acertar do nosso sentimento*.

Necessário se torna que o adulto desenvolva a sua própria intuição, para se tornar disponível e motivar os miúdos a serem os autores da aprendizagem e da educação deles;... *entrarem na sua própria pele*.

A própria oportunidade de os adultos irem colocando os seus elementos de herança cultural, só deverá acontecer e fazer-se numa realidade livremente compartilhada em confiança, sintonia e em tempo de expressividade e de investigação, saudavelmente muito longo.

BRINCAR É APRENDER

A educação terá que ser sempre em criatividade. Só no viver criativo é possível a comunicação e *só se comunica quando se está com...e/ou próximo de...* Por vezes, até pode ser frustrante para os miúdos terem um educador que saiba de mais...

O miúdo joga vivendo e a escola não entende isso. Ela espera, cuidadosamente, até lhe poder contornar esta vivência, julgando que jogar é uma forma transitória de ser de que ele se serve. Mas o miúdo não se serve do jogo, antes pelo contrário, toda a sua vida é só jogar e isto *“é tão genético, como o sangue que lhe corre nas veias”...*

O brincar é um prazer funcional que nunca desaparecerá. Ele é operativo, divergente, direccional e solucionador, podendo, no entanto, ser travado ou estimulado.

Antes da invenção da escola o princípio era o lúdico...!!! A escola veio para liquidar o miúdo e, paradoxalmente, quer que ele tenha aí lugar cada vez mais cedo;... actuando e decidindo, hipocritamente, por ele... Desde a sua invenção ela nega todo o carácter próprio

do pensamento infantil, dando os símbolos aos miúdos antes destes experimentarem e operarem.

Desta maneira, ela tem jogado o seu poder e, intencionalmente ou distraidamente, *não dá conta de quem joga o poder, reduz e/ou anula o poder do jogo dos outros.*

O adulto na sua vertigem de civilização *endurece a pedagogia em nome da rentabilidade e da falsa moralidade.*

A evolução da escola ainda flutua numa fase desastrada e ameaçadora, por se repetir cega, frustrante, vazia, esvaziadora e armazenadora. Será preciso que a escola se negligencie para que os miúdos tenham acesso a uma aprendizagem positiva...?

É urgente e necessário que a escola (e/ou os governos) aprendam a jogar antes de aplicarem e imporem as suas perspectivas e intenções sobre a função do Lúdico.

A escola (e/ou os governos), abraços com os seus falsos problemas do insucesso escolar, não têm sabido estudar profundamente a natureza lúdica dos miúdos. Ao contrário disso, por exemplo, o processo escolar (... e não só) tem sido concebido segundo o modelo produtivo do adulto, interpretando os miúdos não segundo a natureza destes mas procurando torná-los “*marionetes sábias*”. Estes, descompensados já na escola (... e não só), poderão continuar assim, em maior ou menor grau, sempre em desvantagem, na sua vida futura.

A sociedade moderna tornou-se falsamente séria, austera e exploradora até à opressão e ao esgotamento. A escola escolheu, cuidadosamente, jogos-exercícios que são demasiado automatismos de acumulação e não de procura de investigação e /ou de trajecto científico de solução. A criatividade permaneceu, nela e nos governos, sempre a nível marginal e suburbana e onde... *os tempos agradáveis são relegados para fora dos seus conteúdos* e, até, para os tempos finais do seu funcionamento;...assim quanto ao dia, à semana, ao ano e à vida.

O que é triste, é verificarmos que esta dinâmica de intervenção, supostamente cívica e educacional, mas, desastrosamente escolarizante e ultrapassada, é ineficaz, bloqueadora de iniciativas e de expressividade investigadora e de transformação técnica e cultural.

Isso, já, se passa, também na actuação dos animadores, quer sejam dos ATL's, quer sejam das áreas especificamente desportivas, junto das crianças, quando dentro das instituições escolares e/ou das colectividades recreativo-desportivas.

As crianças continuam, aqui e para além da escola, a serem, cuidadosa e demagogicamente, organizadas, segundo uma pedagogia tradicionalmente autoritária, escolarizante, moralista e competitiva, sem apelo expressivo e autonomizante, a título de

supostas urgências para cumprir programas políticos e/ou objectivos de melhoria e de aceleração da informação que se deseja ora técnica, ora cultural (... mas a do adulto, do animador e/ou do treinador), ora de saúde, ora de disciplina e/ou de boa educação:... e até, já agora, de desejos elitistas para uma forja de futuros atletas de representação para a pirâmide nacional e internacional, ora europeia e/ou ora mundial e olímpica.

De facto, as necessidades da economia acomodam-se mal com o lúdico mas, *a liberdade, o brincar, o jogo e o desporto* residem no fundo de cada um de nós,... *é a nossa vontade de viver...!!!*

PEDAGOGIA DE INICIATIVA E DE CRIATIVIDADE

Daqui, que não se trata de organizar espaços e tempo livres compensatórios de uma educação e/ou de uma escolaridade prepotentes e/ou distraidamente bloqueadoras.

Será, antes, necessário que em toda a educação, a escolaridade e/ou a actividade desportiva, seja organizada uma pedagogia de iniciativa e de criatividade, com parâmetros muito dinâmicos e mantida sempre entre dois momentos de acção, *“pensamento convergente e pensamento divergente”*; em abertura para os outros... Será *uma organização do instante*, com um embate tónico e emocional, muito significativa e em constante provocação de ressonância e de imitação;... *de reprodução de si e dos outros...*

Será significativamente autonomizante e, uma vez que aprender é situar-se a si próprio no mundo onde há pessoas e objectos relacionados entre si com vista à integração dinâmica dos mesmos na vida de cada um, será uma aprendizagem que admita uma programação, não antecipadamente resolvida pelo adulto mas, em auto e cogestão, natural e espontânea;... não exterior a quaisquer das crianças e/ou adolescentes mas, antes, num dar conta das aprendizagens que irão fazendo, conforme a idade, com ajustes, reajustes, correcções e aperfeiçoamentos, *procurando e organizando, eles, as suas respostas... e não as do adulto...*

E, se isto eu exijo no âmbito da escola que, pela sua história preconceituosa ainda se mantém muito madrastra, com mais razão eu exigirei se estivermos numa procura da implementação e do desenvolvimento teórico e/ou prático, quer do jogo simples e/ou do desportivo.

O problema do adulto, professor, educador ou animador, será o de saber organizar *“sem cair no desvairamento da mania das hierarquizações”...*

Temos de dizer não à magia do chefe e da causa, do sacrifício e da sacralização, das regras e dos ritos, que atabafa e aniquila a liberdade e a vontade de viver e de transformar.

Terá que se entender de vez, que *jogar e brincar* não é tão diferente de aprender, pois *é transformar e dominar e, afinal,... aprender*. Não é, certamente, ensino impingível;... nisso, o Lúdico se lhe opõe.

O jogo é projecção de subjectividades, *implicando que nunca haja abusos na introdução dos objectivos do e pelo adulto, professor e/ou treinador*, até, para as crianças poderem entender bem *estes* e transformá-los no seu vaivem de realidade e de imaginação, *quando for caso disso...*

Por mais pobres que possam parecer, quer a sua imaginação, quer a sua criatividade, *estas são para si guias mais seguros que todos os conhecimentos impostos*. As crianças possuem um autêntico sentido poético de transformação, que não deverá ser traído no acesso às técnicas que o adulto emprega, sob pena de se perder tão excelente impulso de ser.

O adulto estará próximo em afectividade, no trajecto do despertar dessa criatividade, motivando sensibilidade, interesse, participação, consciencialização e conhecimento.

Não se deixará mergulhar na vertigem da actual perspectiva desportiva de campeonite, que não só se alastra internacional e nacionalmente, como já a nível escolar, apesar do pouco que há (... e, até de turma...!!!), onde as crianças e os adolescentes se encontram com desportos e jogos já construídos.

Não (!)... a *essa seca* de motivação de treinos exaustivos, de *repetições e dressages*, antecipadamente regulamentados e com *pergaminhos históricos*, que implicam uma religiosa e fanática iniciação desportiva, trampolim e forja de campeões, onde não há lugar para novas criações... Ainda por cima, nada de novo vieram trazer à pedagogia tradicional pois, muito pelo contrário, deixaram-se afogar nela...!!!

Winnicott diz que... *“o adulto terá que facilitar a concretização daquilo que a criança estiver pronta a encontrar...; procurando acompanhar a onnipotência mágica da experiência dela...”*

Há que fazer uma correlação íntima e criativa, no viver dos problemas, entre o cognitivo e o lúdico.

Tudo dependerá da gestão das situações onde a criança e/ou o jovem deverão ter a maior parte de autoria e o adulto, professor, animador e/ou treinador deixando de hipertrofiar as exigências dos comportamentos e das aprendizagens, começarão a dar conta que os insucessos educativos, escolares e/ou desportivos serão mais seus do que das crianças e/ou dos jovens.

Winnicott continua a dizer que... *“é no brincar, e fundamentalmente at, que a criança e o adulto formam a sua liberdade de criação...”* de si e na sua totalidade. E, também, que esse... *“brincar é ficar em suspensão...”*; ... em surpresa perante algo, quer sejamos crianças, jovens ou... agora adultos.

CONCLUSÃO

A actividade Lúdica (e/ou o Jogo) é um fenómeno complexo...

É trajecto e não fase de comportamento e desde as primeiras idades da criança, no seu impulso de ser;...experimentando no concreto e formando dados,...em expansão e transposição simbólica...

Froebel e Piaget dizem coisas muito convergentes e complementares, Froebel, que... *“no jogo está a dinâmica da vida futura...”* e Piaget, que... *“aprende-se através do jogo...”*.

De facto,... *aprende-se através da vida,... em jogo e em liberdade(!!!); e não se aprende a brincar mas a viver...!!!*

Se calhar, só se aprende sem querer e quasi na fronteira do inconsciente e a consciencializar-se em corpo, em sentimento, em gesto, em palavra e em pensamento...!!!

O Jogo e/ou o Desporto terão que ser para a criança e para o jovem um lugar de sua escolha, no domínio da expressão livre e da criatividade organizativa, em comum com os outros seus parceiros.

A modalidade de participação será diferente da pedagogia tradicional. *As regras do jogo e/ou do desporto* não serão trazidas pelo adulto em estado compendial e acabadas;... mas, antes, *descobertas pela crianças e/ou jovens nos momentos vividos e elaborados, oportunamente e à medida da necessidade surgida e/ou sentida...!!!*

A Expressividade, a Liberdade, a Iniciativa, a Criatividade e a Autonomia serão os impulsos de tudo e, de tal forma o são, que, até, a nossa própria velhice só começará, quando deixarmos de gerir a nossa liberdade, de nos renovarmos ou de nos auto-reconstruirmos...!!!